

POÉTICAS DO CORPO: IDENTIDADES E CORPORALIDADES NOS FILMES *JANAÍNA COLORIDA FEITO O CÉU E NOTURNOS*

Wendell Marcel Alves da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, marcell.wendell@hotmail.com

Resumo:

O cinema compreende o imaginário urbano e os códigos que permeiam as relações sociais no âmbito da cidade. Suas formas constitutivas, assim como os imperativos simbólicos, podem servir ao processo de identificação da construção do espaço urbano no cinema como um dispositivo de representação da realidade social. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é identificar e analisar a construção simbólica das identidades e das corporalidades no espaço urbano fílmico e, assim, entender como que a cidade filmada é também objeto do imaginário urbano e que funciona como cenário para representações de mulheres. Para efeito de análise empírica, privilegiaremos a apreciação dos curtas-metragens *Janaína Colorida Feito o Céu* (Babi Baracho, 2014) e *Noturnos* (Carito Cavalcanti, 2012), e também discutir quais são os elementos que estão presentes nas narrativas desses filmes para a compreensão das poéticas do corpo, sobretudo, do feminino, nas abordagens dos filmes elencados para análise cinematográfica. Afere-se aqui, portanto, que por meio das poéticas do corpo, as narrativas dos curtas-metragens produzem leituras do entendimento das questões de gênero tendo como prerrogativas as identidades e corporalidades situadas no cenário do espaço urbano da cidade.

Palavras-chave: Poéticas do corpo, Imaginário Urbano, Identidades, Corporalidades, Cinema Brasileiro.

Introdução

O espaço urbano é comumente representado de diversas formas pelas artes em geral. De forma particular, o cinema, como uma instituição social que compreende o imaginário urbano e os códigos que permeiam as relações sociais no âmbito da cidade, impregna a imagem com discursos organizados a respeito e para a produção de uma concepção do espaço de convivência/vivência. Suas formas constitutivas, assim como os imperativos teóricos, podem servir ao processo de identificação da construção do espaço pelo cinema como um dispositivo de representação da realidade social, com os seus aspectos mutantes e processuais no que consta a cultura e as relações sociais no âmbito da cidade.

Identificar esses processos sociais no espaço urbano fílmico e, assim, analisar a narrativa do espaço urbano que privilegia as configurações de sociabilidade, é o objetivo deste trabalho. Para efeito de análise empírica, privilegiaremos a apreciação dos curtas-metragens *Janaína Colorida Feito o Céu* (Babi Baracho, 2014) e *Noturnos* (Carito Cavalcanti, 2012).

Precisamos assinalar, tendo em vista os filmes elencados, que o espaço urbano produzido nas duas narrativas fílmicas, conduz a algumas questões que estão em pauta nas discussões sobre o lugar da cidade, de acordo com alguns teóricos: a cidade polifônica (CANEVACCI, 2004), a

paisagem sonora (SCHAFER, 1991; 2001), o lugar (RELPH, 2012), a geografia fílmica (COSTA, 2006; 2011) e o imaginário urbano (BARBOSA, 2000; DOMOSH, 1992).

Imaginários da cidade: narrativas do espaço urbano

As narrativas cinematográficas que investigam os desenhos urbanos das cidades, e que consideram ao mesmo tempo as relações sociais, produzem igualmente representações acerca das paisagens existentes no âmbito urbano. Essas paisagens são empregadas nas narrativas fílmicas em conjunção com os sujeitos, as personagens em suas interações sociais, e apresentam assim configurações simbólicas orientadas nos espaços de sociabilidade.

Coloca-se em discussão mais a frente o termo de hibridismo em relação às narrativas dos dois filmes aqui analisados. Essas narrativas, híbridas e mescladas de acordo com os sentidos estéticos para e sob a cidade, produz uma imagem que tem relação com os modos de vivência no espaço urbano. Nessas imagens, as corporalidades são espacializadas no âmbito da cidade, codificando significados, investigando elaborações sociais e culturais, refletindo conflitos e simbioses vigentes nas etapas de sociabilidade, formatando emoções e representando identidades.

Podemos afirmar que os filmes *Janaína Colorida Feito o Céu* e *Noturnos* conduzem narrativas fantásticas, no caso do primeiro filme, e híbridas, no segundo, sobre o espaço urbano, em seus desenhos sociais, estéticos e culturais.

Logo, compreendemos que o cinema, enquanto dispositivo que representa através das narrativas e dos olhares fílmicos determinados espaços e processos culturais da sociedade (COSTA, 2015; 2016a), constroi também uma espacialidade conceitual imaginária (COSTA, 2011), na admissão de componentes estéticos na narrativa que adensam a própria estrutura do espaço fílmico.

No campo dos estudos das narrativas contemporâneas, entendemos que:

“A narratologia fornece ferramentas de análise adequadas para abordar as novas formas que estão adquirindo o cinema documental contemporâneo e, especialmente, a sua exploração das várias formas de enunciação. Ou seja, recai o peso da narrativa, que se esconde nas várias combinações possíveis de enunciação” (VALLEJO, 2013, p. 9) (tradução nossa).

Esses componentes estéticos presentes nas narrativas fílmicas produzem sentidos sobre o que está posto na imagem cinematográfica. O imaginário urbano da cidade, produto e consequência dessa imagem cinematográfica constroi também uma imagem carregada de poder simbólico das paisagens existentes no âmbito urbano. Dessa forma, “a paisagem torna concreto as mensagens de indivíduos ou grupos poderosos, naturalizando assim a sua autoridade” (DOMOSH, 1992, p. 478) (tradução nossa).

No âmbito da antropologia fílmica, sabemos que a incorporação de imagens da cidade também colabora para destacar e desconstruir as identidades e biografias representadas no/pelo espaço urbano filmado, imaginado e construído no cinema documental e ficcional. É também no espaço urbano onde ocorrem processos culturais, advento de novas formas de sociabilidades, criação de códigos e símbolos presentes na ordem da comunicação.

A antropologia urbana também nos ajuda a entender como que se dão esses processos comunicacionais no âmbito da cidade, na lógica da trajetória e da mediação dos indivíduos:

Cada vez mais, na sociedade moderno-contemporânea, a construção do indivíduo e de sua subjetividade se dá através de pertencimento e participação em múltiplos mundos sociais e níveis de realidade. Assim a viagem pode se dar internamente a uma sociedade específica diferenciada, não significando mais necessariamente um deslocamento geográfico, físico-espacial, mas, sobretudo, um trânsito entre subculturas, mundos sociais, tipos de *ethos* ou, mesmo, entre papéis sociais do mesmo indivíduo (VELHO, 2013, p. 142).

Nesse sentido, fazemos as seguintes indagações: existe relação na construção do espaço urbano no cinema com as representações das identidades culturais existentes na realidade social? Quais são os desafios trazidos pela representação fílmica, sendo que esta pode, ao conduzir a imagem através de narrativas híbridas e fantásticas, difundir novas configurações socioespaciais dos comportamentos?

Os lugares da cidade, e os sentidos que eles projetam na tela, provocam diferentes sensações na recepção dos locais narrativos representados nos filmes (OLIVEIRA JR., 2012). As produções audiovisuais tomam para si os locais, e que são, intrinsecamente, espelho das paisagens das cidades que são “divulgadas” como espaços identitários de uma determinada região.

Logo, na certeza de que o espaço urbano é um arcabouço de representações simbólicas e um campo político sujeito a intervenção constante de agentes sociais no complexo processo de produção do espaço, em seus sentidos particulares de lugar e não-lugaridade (RELPH, 2012; AUGÉ, 2008), os filmes encarregam-se no desafio de realizar uma leitura dos meandros circundantes dos fenômenos sociais presentes no âmbito urbano e nos lugares que possuem nas narrativas cinematográficas um sentido político, estético e simbólico. É a partir da “ficcionalização da realidade”, por meio da montagem (GAUTHIER, 2013), que os sentidos sobre a cidade, no aspecto macro da análise realizada aqui, são produzidos na imagem cinematográfica.

Os sentidos sobre os lugares da cidade, nas categorias de afetividade, deslocamento, transição ou de estagnação relacionada às subjetividades dos indivíduos que ali existem ou procuram por uma existencialidade, é o mote da nossa discussão tendo em vista os discursos dos dois curtas-metragens analisados. A “ficcionalização da realidade” coloca-se como um processo não

apenas da conjunção entre a estética do cinema como também da incorporação de outras linguagens artísticas para a sua concretização como objeto de arte, resultando em dois filmes altamente carregadas de afetividades e dissociações identitárias dos sujeitos na cidade.

Ambas as narrativas dos dois curtas analisados, associadas às influências de linguagens próximas ao cinema, como a música e a literatura, produzem efeitos nas diversas esferas da produção cinematográfica. A discussão levantada neste trabalho percebe nessas outras configurações de linguagens formas que contribuem para a construção estética, filosófica, política, conceitual, antropológica e geográfica dos filmes *Janaína Colorida Feito o Céu* e *Noturnos*.

Poéticas do corpo: identidades, corporalidades e paisagem urbana nos curtas-metragens *Janaína Colorida Feito o Céu* e *Noturnos*

O curta-metragem *Janaína Colorida Feito o Céu* (Figura 1 e Figura 2) é uma obra experimental que carrega as imagens da cidade do Natal e suas paisagens urbanas e litorâneas, destilando uma significância que atravessa a noção de espacialidade dos corpos oriundos de uma arquitetura urbana insalubre ou fantasmagórica. Em outras palavras, a cineasta Babi Baracho incita em seu enredo que a cidade é, por excelência, um espaço de transformações, mistérios, segredos, perdas e construções de identidades e de fluxos nas diversas esferas da subjetividade.

Figura 1



Figura 2



Nesta obra fílmica são ordenadas as esferas anteriormente elencadas na condução de um discurso que é fruto de um interessante trabalho de câmera, no passeio investigativo e provocador sobre os lugares da cidade, em especial a região do centro com suas cores e travessas, os lugares escuros e claros, autorizando na fotografia uma fotogenia que obscurece o sentido de ficcionalidade da obra. Mais parece a transfiguração metafórica visual de um conto; e na verdade é, pois a cineasta se inspirou no conto *A um passo*, da escritora Rosa Amanda Strausz.

Janaína Colorida Feito o Céu discute algumas particularidades sobre a questão da identidade no escopo urbano contemporâneo. A personagem principal, que até onde sabemos não se reconhece e desconhece algumas passagens de sua vida, tem inscrições em seu corpo que imperializa a ideia de que a pessoa, em uma análise cartesiana e abrindo espaço para uma percepção subjetiva e metafórica do discurso cinematográfico, é construída por partes (Figura 3).

Essas partes são trajetórias, experiências, colaborações, associações e sensações contidas na biografia das pessoas, ou seja, são os fatos acontecidos e as memórias deixadas e trazidas para o presente (não confundamos com os vestígios da memória que também tem relação com os objetos-lembranças) que nos fazem pessoa, que colaboram em identificar, ainda que minimamente nesse quesito, as identidades culturais¹.

Figura 3



As identidades construídas no espaço urbano das cidades (Figura 4) são regidas por lógicas multiculturais, contínuas e que estão em constante processo de trocas e estabelecimentos de novas experiências sociais. A heterogeneidade das formas com as quais são constituídas as comunicações no âmbito urbano conduz a uma narrativa, bem semelhante a que é representada no filme *Janaína Colorida Feito o Céu* – fantástica, experimental, não linear e até mesmo *transnarrativa*. As identidades no âmbito urbano, em síntese, se perdem e se acham em novos territórios subjetivos e

¹ Ver a relação entre identidade cultural e experiências representacionais do cinema em Hall (1989).

de desejos ligados a novos sensores paradigmáticos, ao ponto de recorrer constantemente a redes sociais legítimas da comunicação pós-moderna.

Como lócus narrativo, o espaço urbano é um ambiente regido por configurações multiculturais e que tem como participantes de sua construção os sujeitos envolvidos nos processos comunicacionais. Com ênfase, destaca-se que os processos comunicacionais ocorridos durante os estabelecimentos sociais que existem no espaço urbano da cidade, ressignifica códigos, representações, símbolos e signos recriados constantemente através das comunicações. A cidade é, como se sabe, um espaço altamente carregado de disputas políticas nas relações de poder entre indivíduos e classes sociais, seja ele nas diversas esferas de capital simbólico, cultural ou econômico. Como desafios trazidos por essas formatações comunicacionais, têm-se discursos dialógicos e dialéticos em situações firmadas por contratos sociais nos espaços periféricos da cidade, produzindo sentidos acerca dos locais geográficos da urbe.

Figura 4

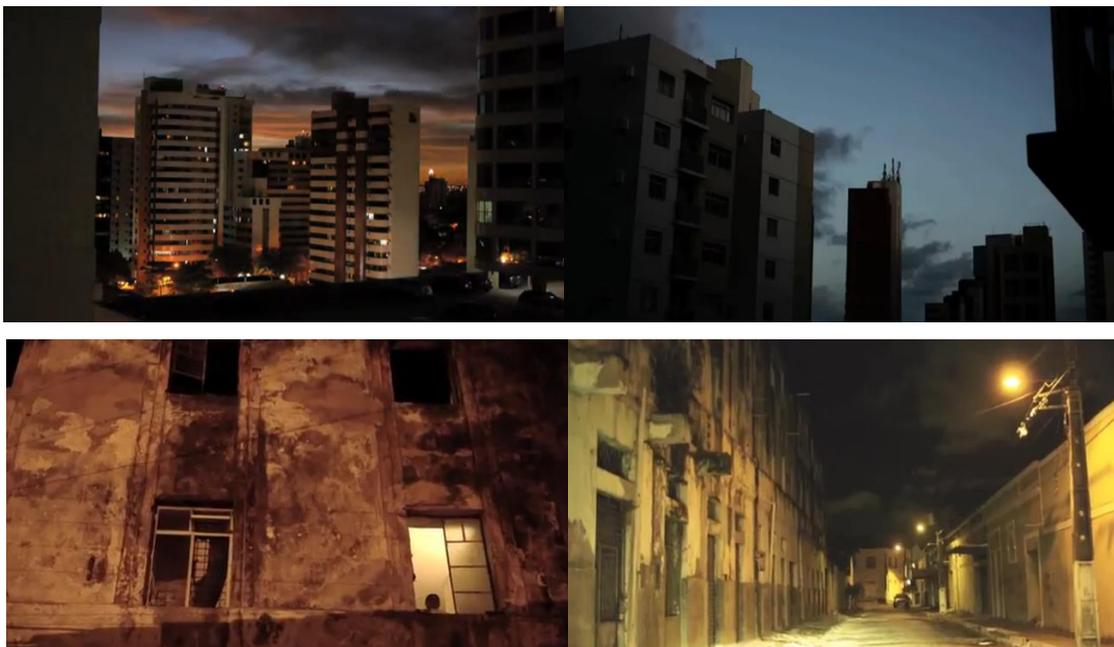


Já trabalhamos as narrativas urbanas no cinema documentário pernambucano contemporâneo (COSTA, 2016b). Frisamos o escopo da produção audiovisual que mira boa parte

de sua produção, apontando os exemplos cinematográficos de *A Clave dos Pregões* (Pablo Nóbrega, 2015) e *Câmara Escura* (Marcelo Pedroso, 2012), em identificar o constructo urbano da cidade em seus vieses de relações de poder, paisagem sonora e a construção do território como espaço regido por categorias predominantemente simbólicas nos processos comunicacionais existentes nos diferenciados lugares da cidade.

Essas inscrições também são identificadas no curta-metragem potiguar *Noturnos*. O filme tem em seu alicerce a existência saturna dos poemas sobre a noite como um imperativo das vivências boêmias presentes no centro da cidade do Natal. Assim como em *Janaína Colorida Feito o Céu*, a literatura nesse filme também está muito presente, perfazendo uma narrativa binária sobre as questões envolvendo o existencial dos sujeitos que transitam sob os contornos da cidade que adormece para alguns e para outros não. O próprio título do trabalho de Carito Cavalcanti – *Noturnos* – fecha um círculo em torno do filme: noturnos, aqueles que vivem e se perdem na noite; que são tragédias e romances a partir da luz que banha os cantos da cidade (Figura 5).

Figura 5

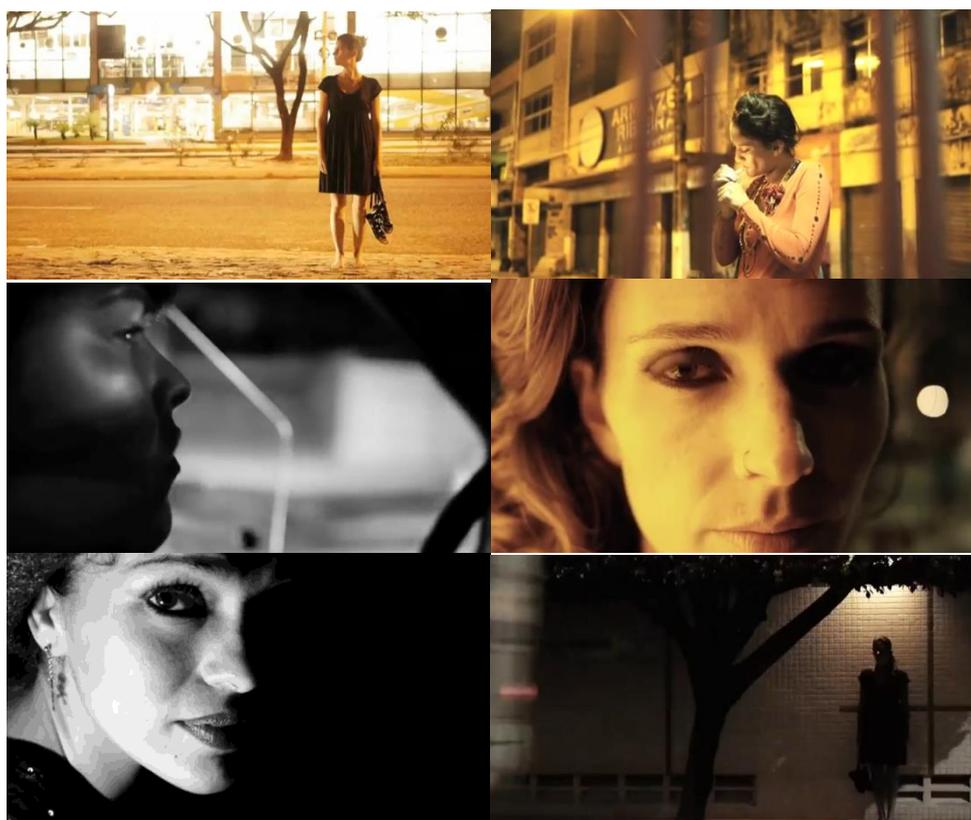


Noturnos é um filme encenado por mulheres (Figura 6). A produção torna explícito na imagem os espaços escuros, mas cheios de vida e de melancolia da cidade: os bares, as praças, as danças que são espelhos de um comportamento, de uma conduta que se desenha nos espaços centrais e periféricos do urbano. Ao mesmo tempo, em comparação com o filme *Janaína Colorida*

Feito o Céu, a mudança e a persistência das paisagens da cidade estão presentes nas narrativas dos dois filmes, no sentido de que a luz da cidade e os contornos que ela dá aos lugares, são também protagonistas que influenciam na representação social das identidades das personagens.

A figura 6 identifica com singularidade as roupagens identitárias das personagens no filme *Noturnos*. Em destaque, observam-se as diferentes arquiteturas da cidade em comparação com os corpos espacializados das mulheres, gerando no cenário cinematográfico real uma composição única na medida em que o jogo de luzes dos espaços nas quais estão sendo fotografados infere sentidos particulares sobre as suas subjetividades. As poéticas dos espaços parecem infundir nas personagens dos filmes. Podemos afirmar, visto essa discussão, que a representação da cidade, e por que não os espaços que também são palcos e cenários para as representações dos sujeitos/atores sociais durante os processos comunicacionais, nos filmes produzem sentidos afetivos sobre os seus lugares e cantos, reificando uma série de sentimentos acerca da cidade (COSTA, 2016c).

Figura 6



Enquanto que no curta-metragem *Janaína Colorida Feito o Céu* o espaço da cidade é ambientado na luz do dia, identificando um modus de representação e de comunicação entre os

indivíduos, a cidade em *Noturnos* é aquela que acontece nos cantos, corredores, trajetos e espaços pouco ou quase nunca comunicados, vivenciados e/ou socialmente espacializados. E quando o são, existe a diferenciação do uso desse espaço (seja ele uma rua, avenida ou corredor²) na ocorrência dos cotidianos eventos sociais e produzindo assim um sentido particular.

Tendo como texto narrativo os poemas da escritora Nina Rizzi, o espectador é convidado a perambular pelo espaço da cidade ao lado de diferentes histórias de mulheres que, a priori, parecem estarem perdidas ou em busca de algum lugar. Elas andam pelas ruas, becos e vielas: encaram a câmera, posam nos ambientes escuros do centro (e pouco iluminados) e das avenidas. Temos novamente aqui, como no curta-metragem anteriormente comentado, o perder-se e o achar-se em meio ao espaço urbano, em suma: o reconhecimento do lugar, dos cantos, da cidade (DE CERTEAU, 1998).

É diante da paisagem adquirida na imagem do filme, por onde podemos indicar algumas reflexões sobre a potência dos lugares da cidade como espaços de representação de identidades culturais construídas pelos movimentos urbanos. Como já fora realizado em outras produções, o som da cidade pode ser trabalhado pela convenção da diegese que, em profundidade, constroi a *mise-en-scène* do local filmado. A construção do som em *Janaína Colorida Feito o Céu* indica leveza, suavidade e mescla o íntimo/privado com o público/coletivo³. Por outro lado, em *Noturnos* a construção do som é mais metálica e acelerada porque as histórias estão situadas na noite, e existe também uma relação com a construção de uma edição mais veloz que o filme de Baracho, assim ambas as narrativas se valem das paisagens sonoras presentes no âmbito da cidade.

Por outra ótica, as representações das identidades culturais nos lugares da cidade indicam ambivalência nos sentidos propostos pelas narrativas fílmicas. Reiterando leituras realizadas em

² Existem diferenças conceituais entre esses termos e os de canto, lugar, local, trajeto e circuito. Alguns autores já trabalharam com essas referências, como Magnani (1996; 2002; 2009) e Relph (2002).

³ Lembramos que os sentidos cartesianos inscritos no corpo da protagonista são trajetos inseridos em várias lógicas socioespaciais. Segundo Rocha Pitta (2008, pp. 68-69), “o corpo é, antes de tudo, um corpo imaginário: da parte mais sólida e interior, os ossos, à parte mais fluida e exterior, os cabelos, tudo no corpo se desenvolve a partir da imagem que uma cultura dele se faz. [...] Inúmeras são as maneiras pelas quais cada cultura fabrica um corpo próprio. Impossível, entretanto, ter acesso ao significado desse corpo sem ter conhecimento da cultura em que ele está inserido. As variações culturais são evidentes, também, em relação aos significados atribuídos a cada parte do corpo: cada uma é valorizada positiva ou negativamente, mais ou menos (des)valorizada, sempre segundo a dinâmica subjacente à cultura, orientada pela dinâmica dos mitos”.

outras oportunidades⁴, as corporalidades nos espaços fílmicos de representação confundem-se com os sentidos de ocorrência subjetiva originados na realidade, em contextos específicos e saturados pelas convenções e normas sociais. Já no âmbito fílmico, o discurso produzido através das narrativas cinematográficas imperializa outro entendimento da coisa chamada *corpo*: ele pode ser conjugado como um produto do espaço em que está situado, ou apresentado como um recipiente que é contrário à reprodução social. Em todo o caso, apresenta-se uma questão central de seu enredo: a cidade e o espaço urbano como um canal de comunicações entre diferentes sensações, emoções e desejos. Não procuramos enquadrar a análise em uma única visão, pois o filme é, precisamente, um dispositivo influenciado por narrativas literárias, musicais, cinematográficas, filosóficas, psicanalíticas e existencialistas.

Considerações finais

A imagem e o imaginário urbano da cidade são duas formas pelas quais os cineastas podem trabalhar questões relacionadas ao achar-se e perder-se no âmbito urbano, tendo em vista que ele é um local onde sensações distintas são produzidas e ressignificadas a todo o momento. Nesse sentido, tratamos aqui, em duas realidades cinematográficas, como estas situam as elaborações acerca das identidades culturais e das corporalidades nos espaços fílmicos. Como contexto de análise, identificamos também a construção das paisagens da cidade como aporte para alocar as personagens em seus processos de descobertas e perdas, incitando uma reflexão sobre como a obra cinematográfica é reflexo do imaginário social das coisas do mundo e também participante efetivo na construção do imaginário urbano e de poéticas do corpo.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares** – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papyrus Editora, 2008.

BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. **Geographia**, ano II, n. 3, 2000.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

⁴ Ver Costa (2016d).

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz. Filme e Geografia: outras considerações sobre a "realidade" das imagens e dos lugares geográficos. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 29, pp. 43 - 54, jan./jun., 2011.

_____. A cidade como cinema existencial. **RUA**, vol. 1, n. 10, pp. 34 - 43, jul./dez, 2006.

COSTA, Wendell Marcel Alves da. Tempo e desejo no nordeste brasileiro: o caso de A História da Eternidade e sua representação dos processos culturais. In: I Seminário Internacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015, Marília. **Anais eletrônicos...** Marília: UNESP, 2015. Disponível em: < <http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/iseminariointernacionalpos-graduacaoemcienciasociais/10.-wendell-marcel-alves-da-costa.pdf>> Acesso em 21 de junho de 2017.

_____. Olhares sobre a cidade e as narrativas fílmicas do espaço urbano. In: II Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, 2016a, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém, UFPA, 2016. Disponível em: < <http://www.eavaam.com.br/anais/anais/2016/19.pdf>> Acesso em 01 de agosto de 2017.

_____. “Documentário pernambucano de curta-metragem: narrativas e espacialidades nos filmes Câmara Escura e A Clave dos Pregões”. In: RENÓ, D. P. [et al.] – 1a ed. **Ficção e documentário: memória e transformação social**. Rosario: UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2016b, pp. 367-378. Disponível em: < http://www.academia.edu/30141744/Document%C3%A1rio_Pernambucano_de_Curta-Metragem_espacialidades_e_narrativas_nos_filmes_C%C3%A2mara_Escura_e_A_Clave_dos_Preg%C3%B5es> Acesso em 21 de junho de 2017.

_____. Paisagens Urbanas e Espaços de Representação no Cinema Latino-Americano. In: II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2016c. Disponível em: < http://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/COSTA_SP09-Anais-do-II-Segundo-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf> Acesso em 05 de janeiro de 2017.

_____. Dançando contra a corrente: corporalidade e movimento no filme Billy Elliot. In: XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades, 2016, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Realize Eventos, 2016d. Disponível em: < http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA12_ID_171_22042016181718.pdf> Acesso em 21 de junho de 2017.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DOMOSH, Mona. Urban Imagery. **Urban Geography**, 13, 5, pp. 475-480, 1992.

HALL, Stuart. Cultural identity and cinematic representation. **Framework**, 36, pp. 68-81, 1989.

GAUTHIER, Guy. El documental narrativo. Documental/ficción. **Revista On-Line Cinema Documental**, n. 7, primer semestre, 2013.

MAGNANI, José G. C. “Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole”. In: _____, e TORRES, Lilian (Orgs.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, 2002.

_____. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, pp. 129-156, jul./dez., 2009.

OLIVEIRA JR., Wenceslau Machado. “Lugares Geográficos e(m) Locais Narrativos: um modo de se aproximar das geografias de cinema”. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo, HOLZER, Werther e OLIVEIRA, Lívia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RELPH, Edward. “Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar”. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo, HOLZER, Werther e OLIVEIRA, Lívia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROCHA PITTA, Danielle Perin. O corpo inserido em diversas lógicas culturais: uma poética da sexualidade. **Revista Bagoas**, n. 02, pp. 65-73, 2008.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **A afinação do mundo**. São Paulo: UNESP, 2001.

VALLEJO, Aida Vallejo. Narrativas documentales contemporáneas. De la mostración a la enunciación. **Cine Documental**, n. 7, 2013.

VELHO, Gilberto. “Biografia, trajetória e mediação”. In: VIANNA, Hermano, KUSCHNIR, Karina e CASTRO, Celso (Orgs.). **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.